Multiplicação dos métodos e abertura ao ensaio: uma proposta para a constituição das rotinas produtivas do jornalismo como objeto do saber formalizado

Clarissa Corrêa Henning
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: Anti-ciências; rotinas produtivas do jornalismo; cibercultura; empresariamento de si; jornalismo sem fins lucrativos.

RESUMO EXPANDIDO

A cibercultura vem deslocando os modos de dar e de receber informação. Seja na elaboração da pauta, na escolha das fontes, no uso das métricas ou nas emergentes e variadas formas de jornalismo independente. Os meios de comunicação digital, se por um lado são ferramentas de multiplicação da emissão e uma importante abertura às ações protagonizadas pelos internautas, também devem ser entendidos como meios de produção. Cada vez mais jornalistas vêem a descentralização dos meios como uma oportunidade para exercer o jornalismo livre dos constrangimentos ditados pela indústria hegemônica de produção de conteúdo. Pensar sobre os efeitos de tais transformações no jornalismo suscita questionamentos e inquietações quanto aos elementos eventualmente potentes para constituir essa área do saber.

A importância filosófica da epistemologia decorre do fato de ser impossível separar o objeto de seus efeitos. E se é a organização dos objetos que dá forma à realidade, o fenômeno analisado carrega em si a inscrição de quem busca determiná-lo. Assim, a caótica percepção do pesquisador exige uma organização racional que classifique e projete a sequência da investigação. A ideia é de que, contra o empirismo simplista, o dado seria antes de qualquer coisa um réu e a prática científica iniciaria, justamente, pela ruptura com o senso comum. Mas essa ruptura é uma elaboração: ela é constituída por um conjunto de técnicas desenvolvidas pelo pensamento. O saber científico é resultado de reflexão e por isso nunca está presente em uma aproximação inicial. Precisa ser construído e depende, portanto, da racionalização dos processos de discernimento.

Fatos são idéias racionalizadas que, encadeadas, os valida como científicos. A construção dos fatos está imersa, portanto, na história do pensamento. A consequência de tal afirmação é de que a construção dos fatos é sempre datada e localizada. Por outro lado, ao operar o corte da observação, o observador carrega consigo determinadas

possibilidades - aprendidas na disciplinirazição inerente ao saber formal - e assim restringe o que a ela se combina.

As teorias sobre os efeitos das rotinas jornalísticas, muitas vezes, naturalizam o objeto de modo a relacioná-lo às condições de produção de conteúdo ditadas pela mídia hegemônica. Mas, diante da proliferação das vozes online e das possibilidades de práticas profissionais mais autônomas, as condições de produção passam a ser reelaboradas por elementos, se não alheios, pelos menos mais variados do que aqueles presentes nas grandes redações.

Um dos deslocamentos importantes neste tempo é a incitação ao empresariamento de si. Ao lado das novas tecnologias, penso que este é um fenômeno importante para a análise das rotinas produtivas, na medida em que alguns jornalistas têm se organizado em coletivos e fundado veículos online sem fins lucrativos. Muitos desses profissionais acumulam jornadas de trabalho porque as iniciativas ainda não são autossustentáveis. Além disso, precisam lidar com técnicas de administração e de gestão na organização do trabalho feito pelo coletivo. O *freelancer* também lança mão de algumas dessas técnicas, porém tais estratégias aparecem de forma mais ampla em grupos de profissionais que precisam organizar toda a cadeia produtiva de uma iniciativa jornalística. Há exigências quanto ao planejamento da iniciativa; devem criar e gerenciar os *sites*; administrar custos; gerir pessoas; além de organizar o trabalho propriamente jornalístico.

Conversar com esses novos atores e atentar para os deslocamentos provocados pelo empresariamento de si sobre as rotinas produtivas é um modo de diversificar as teorias que constituem o sujeito jornalista. Uma escuta atenta quanto às motivações para jornadas duplas, aos usos e apropriações das ferramentas digitais, à produção e gerenciamento do conteúdo em redes sociais – e também às possibilidades de financiamento do trabalho. Tal abertura ao empírico parece contribuir com o avanço do conhecimento. Contudo, penso ser oportuno tensionar as formas de tratamento de tais informações e as maneiras como incluimos a empiria no saber científico.

Tradicionalmente, as fases do método científico constituem um ordenamento de sistemas de afirmação. E, se os dados são utilizados rigorosamente de acordo com as teorias estabelecidas, o sistema de afirmação é revigorado. Assim, o gesto metodológico de falsear as teorias normativas pode auxiliar na abertura da ciência. Se a ideia é fortalecer os fatos – e não as hipóteses -, desenvolver o pensamento ensaisticamente pode contribuir para diversificar as vozes que regulamentam o saber dito normalizado.

Ao problematizar a chamada condição de coerência, tais investigações questionam a antiguidade e a familiaridade das teorias estabelecidas. Se relatos de observação e resultados experimentais tendem a encarnar pressupostos teóricos – e se são construídos de maneira a confirmar estes últimos – os preconceitos só podem ser descobertos por contraste, nunca por análise. A escolha envolve uma metodologia plural que lance mão de uma gama de teorias parcialmente superpostas, mas sem serem consistentes entre si. A metodologia pluralista, conscientemente evitando o sistema de afirmação, produz aumento do conteúdo empírico. Daí a importância de tornar forte o argumento mais fraco: ao nadar contra a correnteza, tal argumento faz aparecer alternativas necessárias ao avanço do conhecimento.

Justamente por ser inseparável de sua história, a constituição da ciência também é atravessada pelas dispersões. A discordância entre hipóteses e fatos é qualitativa quando a teoria é incompatível com um fato bem conhecido e tal paradoxo é uma fértil oportunidade de multiplicar os modos pelo quais o saber científico constrói os objetos de investigação.

A comunicação, de modo geral, sem dúvida transcende os meios eletrônicos. Mas, tendo em vista o alto grau de conectividade do mundo contemporâneo, é importante levar em conta que o próprio processo de cognição está mudando. E, justamente por isso, obras ligadas às premissas elaboradas na época do modelo emissor-receptor, longe de serem dispensáveis, são fundamentais para a análise da diferença em tais processos.

Teorias que apregoam a evolução tecnológica como uma forma de redenção devem ser analisadas com muito cuidado. Contudo, penso que a cautela deve ser igual nas investigações hermenêuticas que buscam os "sentidos" e entendem os processos comunicacionais como exclusivamente humanos. Apoiando-se na abordagem antropocêntrica, elas deixam uma lacuna crucial na comunicação, de maneira geral, e no jornalismo digital, em particular.

A busca por operar com elementos apropriados ao conceito de "processos midiáticos" mira na tentativa de desenvolver uma pesquisa que investigue as condições de possibilidade da organização dos objetos de análise de uma determinada área do saber. Potanto, o diferencial do gesto metodológico de focar nos processos é que assim passamos de um horizonte de "objetos organizados" à análise das condições de possibilidade de tal organização.

Estudar e escrever são exercícios constantes para a composição do pensamento. Assim, a proposta é, por um lado, organizar tais investigações amparada em metodologias

múltiplas que, no conjunto, sejam potentes para o falseamento/multiplicação da produção teórica que vem constituindo o objeto das rotinas produtivas no jornalismo. Mas, por outro lado, penso que também a abertura ao empírico deve atentar para elementos não previstos – e nem teorizados – no planejamento da investigação. É essa escuta que dá o tom ensaistico aos caminhos da pesquisa, de modo a facilitar o encontro do pesquisador com elementos externos ao seu pensamento e, consequentemente, às suas práticas. É a pesquisa como exercício filosófico, como uma oportunidade de transformar-se mediante uma experiência de si colada ao pensamento.

Conversar com os sujeitos da pesquisa e lançar mão dessas informações na elaboração de produtos científicos é um gesto necessário ao avanço do conhecimento. Por outro lado, a negociação da construção de tais dados junto àqueles que ativamente produzem o fenômeno sob investigação é tarefa que busca potencializar a experimentação no pensamento. E é uma forma de lidar com a pesquisa de modo a fortalecer os protagonistas de saberes menores (jornalistas ligados à veículos online sem fins lucrativos, por exemplo). Tal gesto multiplica os modos como temos constituido as rotinas produtivas do jornalismo – e os sujeitos jornalistas que são produzidos por ela, mas que também as produzem e multiplicam.